

DOSSIÊ TEMÁTICO: Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao *ethos* acadêmico

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

PRESENTACIÓN

Claudia Miranda

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Núbia Regina Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

Entre os anos de 2010 e 2017, o número de professores negros cresceu mais de 45%, conforme indicam as últimas pesquisas para o Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Em 20 de junho de 2018, o portal da Revista Gênero e Número publicou um editorial que inclui a chamada “Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia”. O levantamento incluiu dados do quadro atual dos programas de pós-graduação de todo o país e explora questões da experiência de resiliência e embate de pesquisadoras-docentes negras. Com o relato de convidadas que abordaram aspectos de suas rotinas, constata um cenário enfrentado pelo segmento racializado, na atualidade: o acesso aos melhores postos, do campo acadêmico tem cor. Solange Rocha (UFPB), Joselina da Silva (UFRRJ) e Nicéa Quintino (UFU) fizeram parte do relato elaborado pela Gênero e Número e, deram sustentação ratificando o discurso de defesa de democratização dos espaços de formação, no nível da pós-graduação.

A Revista Práxis Educativa propõe o dossiê “Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao *ethos* acadêmico” com o objetivo de ampliar os espaços de proposições teórico-epistemológicas para um número maior de investigadoras e investigadores. A proposta agrega estudos e pesquisas com foco nas experiências e nos conhecimentos acumulados, a partir das mediações experimentadas por mulheres negras pesquisadoras e docentes, vinculadas às universidades em diferentes lugares, incluindo experiências fora do Brasil. O intuito foi promover a inserção de outras percepções de um tipo

de presença que se consolida às margens do instituído. Sabemos que um dos temas que mobiliza diferentes gerações de pesquisadores/as, estudantes de pós-graduação e intelectuais-ativistas, é a desigualdade e, sob esse guarda-chuva, é prioridade enfrentarmos aspectos centrais das relações raciais e das relações de gênero.

Vimos que no final da segunda década do século XXI, sujeitas da Diáspora Africana apresentam iniciativas que se desdobram em congressos e seminários e, com essa organização, recebem outras tantas sujeitas para garantir parceiras políticas e acadêmicas. As marcas desses itinerários estão, de alguma maneira, nos trabalhos que reunimos no dossiê.

Ao situarmos traços importantes das condições sob as quais, intelectuais negras negociam sua pertença no mundo do trabalho, mais especificamente, nos espaços universitários, preocupamo-nos com a compreensão dos processos que assumem e com as estratégias adotadas na movimentação curricular exigida na docência no ensino superior e no desenvolvimento de linhas de pesquisa. Articulamos temáticas insurgentes e que se relacionam com uma demanda em ascensão. São narrativas que engrossam uma produção existente no campo da Educação para as relações étnico-raciais e contribuem para interseções onde as relações de gênero merecem relevo. Mulheres negras assumem múltiplas pautas por justiça social.

Podemos afirmar que as elaborações realizadas interpenetram o pressuposto da pesquisa em rede que defendemos em nossas linhas de investigação. O artigo *Una escuela tan negra como nosotras: desafíos ante el racismo y el patriarcado*, discorre sobre a experiência, de elaboração e execução da Primera Escuela Internacional de pós-graduação Más allá del Decenio de los pueblos afrodescendientes. Para tanto, inclui uma análise sobre o desafio de coordenar o primeiro Grupo de Trabalho do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) com a temática das relações raciais. Apresenta os desdobramentos do processo e o que representa, para Cuba, essa instalação que agrega grupos afrodescendentes de distintos países da América Latina e Caribe.

Em **Dialogando autoetnografias negras: interseções de vozes, saberes e práticas docentes**, as autoras ressaltam suas práticas educativas nos cursos de Licenciatura além das possibilidades de problematização das questões étnico-raciais e de gênero, dentro e fora do espaço universitário. Apresentam narrativas como um recurso teórico-metodológico e essas perpassam uma ação docente interventiva e pragmática em busca de outros imaginários construídos sobre as mulheres negras nos espaços públicos. As experiências e desafios

vivenciados revelam um *continuum* indispensável no fazer pedagógico e universitário. Favoreceram as interseções alcançadas e perpassam as inquietações epistemológicas incluindo as questões de gênero, de raça e de classe.

O artigo *Emancipación y descolonización: tensiones, luchas y aprendizajes de los investigadores/as negros/as en la educación superior* é sobre como as epistemologias hegemônicas apóiam o racismo institucional e epistêmico e destaca as contribuições para a formulação de projetos políticos, epistêmicos e contra-hegemônicos em favor da transformação das estruturas de opressão. Aponta a responsabilidade na construção e disseminação de conhecimentos sobre a realidade social e cultural das populações negras ou afrodescendentes da América Latina e do Caribe.

No trabalho **Experiências de professoras/intelectuais negras na universidade: entre o direito à diferença e a competência pedagógica**, um dos objetivos foi entender até que ponto as experiências, ainda que singularizadas pela individualidade, são questões sociais que coordenam saberes e fazeres na educação formal. Evidencia-se como é fundamental a promoção de fóruns que possam conjugar uma discussão que inclua as diversas dimensões do racismo estrutural incluindo os espaços de formação.

Em **Narrativa de práticas docentes como intelectual negra: invenções e rasuras tem como centralidade** a autora apresenta uma narrativa de negociações cotidianas com destaque para a conformação do Grupo de Experiências (GE) como proposta metodológica. Apresenta aspectos dos caminhos escolhidos para a pesquisa realizada por uma equipe de pesquisadoras, marcando os *esburacamentos* nos lugares comumente atribuídos a condição de orientadora, orientanda e professora. A ênfase está no processo experimentado e não nos resultados do trabalho.

No trabalho **Presença de mulheres negras na pesquisa em educação: conversas sobre o estágio docente** ganha relevo narrativas de pesquisadoras negras, produzidas ao longo do estágio docente, exigido no Mestrado em Educação. Os diários de bordo, elaborados ao longo de dois anos do desenvolvimento das dissertações das “autoras-interlocutoras”, serviram de subsídio teórico-metodológico e sustentaram o entendimento sobre a inserção docente de mulheres negras, além de ajudar a redimensionar percursos da formação mais ampla. Um dos pontos discutidos tem a ver com as insuficiências do ir e vir no campo da pesquisa e da docência. São problematizadas questões que giram em torno das opções realizadas em termos das suas identidades em construção.

No artigo **A experiência feminina negra e suas interrogações à política e prática curriculares**, vimos uma discussão a partir do repertório feminista negro, que tem como pressuposto ler as relações sociais por meio da experiência de vida das mulheres negras. Exploram a temática a partir de pensadoras negras e nesse trabalho, as ideias feministas sustentam um tipo de deslocamento da ideia do sujeito humano universal, abrangendo e impactando a socialização das mulheres de tempos em tempos, apesar da bandeira imposta pelo feminismo através da concepção de que as mulheres são “sujeitos políticos”. A centralidade está na pesquisa sobre a trajetória de escolarização de jovens estudantes negras no ensino superior, e ressalta o impacto das práticas pedagógicas no percurso de formação das mesmas.

O conjunto de trabalhos, apresentado acima, reflete múltiplos problemas a serem discutidos em atividades envolvendo estratos diversos. Revela possibilidades de interseções e oxigenação para o campo da pesquisa mais ampla no campo da Educação das relações étnico-raciais. E, de certo, precisaremos de outras esferas de proposição. Isso porque o acúmulo das pesquisadoras reunidas, nesse número da Revista Praxis Educativa, nos conduz a outras perguntas de pesquisa, sem deixar de fora os efeitos do racismo institucional revelados nas micro esferas de poder.

Para a mulher negra, está em jogo o tempo e a gestão de projetos societários que vão muito além do quintal de suas casas. Vive-se sob o efeito do *ethos* da servidão e, já sabemos como esses resquícios afetam sua história. Essa jornada de escrita de pensadoras negras, é uma iniciativa quilombola, *cimarrona* e *palenquera*, que envolveu sujeitas que trabalham na docência do ensino superior e na pesquisa acadêmica mesmo com as inúmeras desvantagens já conhecidas.

Agradecemos o apoio e a colaboração do editor e equipe, para efetivarmos esse projeto de escrita de re-existência.